

COLETÂNEA TRAVESSIA

POESIAS – VOL. III

ORGANIZADORES: JOAQUIM MELO DE ALBUQUERQUE • MARIA PINHEIRO PESSOA • LADY DAYANA OLIVEIRA



iu
Imprensa
Universitária
UFC


CONCURSO LITERÁRIO DA
SEMANA DO SERVIDOR

COLETÂNEA TRAVESSIA

POESIAS – VOL. III



Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Camilo Sobreira de Santana



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
Reitor
Prof. Custódio Luís Silva de Almeida

Vice-Reitora
Profa. Diana Cristina Silva de Azevedo

Pró-Reitor de Planejamento e Administração
Prof. João Guilherme Nogueira Matias

Pró-Reitora Adjunta de Planejamento e Administração
Adênia Maria Augusto Guimarães



IMPrensa UNIVERSITÁRIA
Diretor
Joaquim Melo de Albuquerque

COLETÂNEA TRAVESSIA

POESIAS – VOL. III

AIMBERÊ BOTELHO DO AMARAL • BRENO GOMES FERNANDES • CAROLINA MORAIS RIBEIRO DA SILVA • CRISTIANE MARIA SALES PIMENTEL • LUCELINDO DIAS FERREIRA JUNIOR • MANUEL OSÓRIO DE LIMA VIANA • MARIA DO CARMO ALVES CARVALHO • TALITA NOGUEIRA MAIA • TATIANA PASSOS ZYLBERBERG • THIAGO DE AQUINO TÁVORA TORRES

MENÇÕES HONROSAS: ELIZIO AYRES CARTAXO • FRANCISCO ESTÊVÃO DE MESQUITA LIMA • MARLLUS DE MELO LUSTOSA • ROBERTA MEDEIROS DE QUEIROZ • VÂNIA MARIA QUEIROZ CAVALCANTE

ORGANIZADORES: JOAQUIM MELO DE ALBUQUERQUE • MARIA PINHEIRO PESSOA • LADY DAYANA OLIVEIRA



Coletânea Travessia – poesias – VOL. III

Copyright © 2023 by Joaquim Melo de Albuquerque, Maria Pinheiro Pessoa de Andrade e Lady Dayana Silva de Oliveira (organizadores)

Todos os direitos reservados

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Av. da Universidade, 2932 – Benfica – Fortaleza – Ceará

Coordenação editorial

Joaquim Melo de Albuquerque

Revisão de texto

Leonora Vale de Albuquerque

Normalização bibliográfica

Andreza Pereira Batista

Imagem da capa

Fotografia de Daniel Schaumann

Programação visual, e Capa

Valdiano Araújo Macêdo

Diagramação

Victor Silva de Alencar

Pró-Reitoria de Cultura da UFC (PROCULT UFC)

Pró-reitor de Cultura:

Sandro Thomaz Gouveia

Pró-reitora Adjunta de Cultura:

Glícia Maria Pontes Bezerra

Coordenação de Difusão e Produção Cultural:

Lady Dayana Silva de Oliveira

Coordenação de Gestão:

Francisco Alves de Miranda

Coordenação de Projetos e Interações Interinstitucionais:

Frederico de Andrade Pontes

Coordenação de Conhecimento e Memória:

Glícia Maria Pontes Bezerra

Assistente em Administração:

Hilda Luiza Pinho Ribeiro

Técnico de Laboratório - Comunicação Visual:

Antonio Davi Delfino Ferreira

Produtora Cultural da Procult UFC:

Maria Pinheiro Pessoa de Andrade

Comissão Julgadora do II Concurso Literário da Semana do Servidor UFC 2021

Marcelo Magalhães Leitão (presidente)

Francisco Edi de Oliveira Sousa

Valéria Correia Lourenço

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará

C694 Coletânea Travessia [livro eletrônico] : poesias - vol. III / Organizadores Joaquim Melo de Albuquerque, Maria Pinheiro Pessoa, Lady Dayana Oliveira. – Fortaleza: Imprensa Universitária, 2023.
kb : il. color. ; PDF

ISBN: 978-85-7485-451-9

1. Literatura brasileira. 2. Poesias. I. Albuquerque, Joaquim Melo de (org.). II. Pessoa, Maria Pinheiro (org.). III. Oliveira, Lady Dayana (org.).

CDD B869.91

Elaborada por: Andreza Pereira Batista – CRB3/1705

APRESENTAÇÃO

Coletividade, oportunidade e continuidade: três fatores-chave para a Coletânea Travessia e a sequente celebração dos seus três anos de existência. Coletividade, pois para tal realização houve a reunião de parceiros (Secult UFC, Imprensa Universitária/Proplad-UFC e Progep UFC), colaboradores (Coordenadoria de Comunicação e Marketing, Departamento de Literatura/CH-UFC e IFCE/Crateús), servidores(as), funcionários(as) e terceirizados(as) que acreditaram nessa iniciativa e a tornaram forte e longeva, sejam eles(as) os(as) que estão por trás dessa produção ou os(as) que viram no Concurso Literário da Semana do Servidor e na Coletânea Travessia um meio seguro e promissor para expor suas obras literárias.

Destarte, a **oportunidade** foi a forma que encontramos para incentivar o hábito de ler, como também de escrever e criar, manifestando em alguns o despertar do prazer da escrita e, aos(às) que tiveram seus textos selecionados, evidenciando as crônicas, contos e poesias desses talentos presentes na instituição. Abrimos alas para o fomento literário numa semana tão representativa que é a Semana do Servidor.

A **continuidade** dessa e de outras ações no campo cultural permite que perseveremos a vivenciar e a pensar a Universidade como um lugar de arte, inventividade e liberdade. Ao longo desses três anos,

saímos em defesa da manutenção dessa iniciativa criada em 2020, em meio a uma pandemia, e que ganhou voz a partir do interesse da comunidade acadêmica e da reunião dos textos e posterior publicação dos três volumes da Coletânea Travessia. Com essa fortaleza e integração, conseguimos seguir resilientes nessa caminhada, acolhendo os(as) artistas e os(as) artistas nos acolhendo.

O terceiro volume da Coletânea Travessia tem como gênero textual a poesia e congregou quinze poemas, sendo dez deles selecionados no concurso e mais cinco menções honrosas. A poesia marca uma nova fase da Coletânea, momento em que nos damos conta do quão enriquecedor é expor-nos ao diverso e à mudança. Nesta edição tivemos, entre os selecionados, servidores aposentados e servidores de dois campi do interior. Fato que deve ser destacado por conferir uma maior inclusão ao processo de seleção.

Por fim, agradeço a todos(as) que chegaram até aqui, vocês estão contribuindo para o fomento literário e para a valorização e continuidade desta iniciativa. A fotografia da capa, de autoria do servidor Daniel Schaumann, é uma obra à parte que nos convida com leveza e maestria a atravessar as páginas e correr pelos poemas deste livro como quem desfruta das delícias da vida.

Desejo uma maravilhosa travessia a todos(as) vocês!

Maria Pinheiro Pessoa de Andrade
Produtora Cultural da Procult UFC

PREFÁCIO

Esta Coletânea Travessia – Poesias (Vol. III) é composta por dez textos selecionados e cinco menções honrosas resultantes do III Concurso Literário da Semana do Servidor – UFC 2022, uma iniciativa da Secretaria de Cultura, em parceria com a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e a Imprensa Universitária, da Universidade Federal do Ceará.

Segue a mesma trilha das anteriores e as poesias bailam, vibram, rodeiam, rodopiam no tempo e no espaço saltantes com bem alinhadas letras que, no escopo do título, faz uma nova Travessia, pelos Selecionados com sinos e lusco-fuscos (“Angelus” de Osório Viana), cheiro acre de sentidos (“Caju Estourado” de Lucelindo Ferreira Jr.), pulsos do viver (“Cerca Viva” de Breno Fernandes), maginares (“Contemplação” de Maria do Carmo Carvalho), flandar de sonhos (“Despertar” de Talita Maia), bailares entretidos (“Entretecimento” de Carolina Ribeiro), encantado vislumbre mágico (“Femininos na Janela” de Tatiane Zylberberg), visagens (“Iara” de Aimberê Amaral), quedóis e anseios (“Lamentos” de Cristiane Pimentel) e o refletir (“Quase Manifesto” de Talita Maia).

Dessa cadeia de emoções que gera a leitura, fluem-nos sentidos faiscantes em ciranda, harmonizando-se com as fortes entonações dos

poemas com Menções Honrosas, pinceladas ao passado, riscados do presente e reflexões ao porvir: “Bode Lô Recursivo” de Marllus Lustosa, “Cidade” de Vânia Cavalcante, “Ipso Facto” de Estêvão Lima e “O Sobrevivente”, de Roberta Queiróz.

É uma luminosa Travessia, bem trançada, viajada e chegada a bom Porto!

Venham!

Edmar Ribeiro

Procurador Federal, Jornalista,
Professor Credenciado da Escola Superior da Magistratura (ESMEC),
Conselheiro-Titular do Tribunal de Ética e Disciplina da OAB-CE

SUMÁRIO

SELECIONADOS

- 11
ANGELUS
Manuel Osório de Lima Viana
- 14
CAJU ESTOURADO
Lucelindo Dias Ferreira Junior
- 16
CERCA VIVA
Breno Gomes Fernandes
- 18
CONTEMPLAÇÃO
Maria do Carmo Alves Carvalho
- 20
DESPERTAR
Thiago de Aquino Távora Torres
- 22
ENTRETECIMENTO
Carolina Morais Ribeiro da Silva
- 24
FEMININOS NA JANELA
Tatiana Passos Zylberg
- 27
IARA
Aimberê Botelho do Amaral
- 30
LAMENTOS
Cristiane Maria Sales Pimentel
- 32
QUASE MANIFESTO
Talita Nogueira Maia

MENÇÕES HONROSAS

- 36
BODE IOIÔ RECURSIVO
Marllus de Melo Lustosa
- 40
CIDADE
Vânia Maria Queiroz Cavalcante
- 42
IPSO FACTO
Francisco Estêvão de Mesquita Lima
- 44
O SILÊNCIO DO NOSSO GRITO
Elizio Ayres Cartaxo
- 47
O SOBREVIVENTE
Roberta Medeiros de Queiroz

SELECCIONADOS

Angelus

Manuel Osório de Lima Viana

Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Desenvolvimento Econômico pelo Instituto de Estudos de Desenvolvimento Econômico e Social (em francês, *Institut d'Étude du Développement Économique et Social (I.E.D.E.S.)*, *Université de Paris I - IEDES*) da Universidade de Paris. Mestrado em Economia Agrícola pela Universidade da Califórnia, Berkeley. Técnico em desenvolvimento econômico pelo Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste do Banco do Nordeste (ETENE-BNB). Chefe da Superintendência de Planejamento da Prefeitura Municipal de Fortaleza, Ceará. Economista no Banco Interamericano de Desenvolvimento, Washington, DC, Estados Unidos da América. Livre-docente em Desenvolvimento Sustentável pela UFC.

ANGELUS

Tarde silente, tarde de harmonia.

Como é sereno o céu...

E os passarinhos

Voam contentes,

Placidamente

Para os seus ninhos.

Tarde silente; etérea melodia

Perpassa no ar.

No campanário,

Soluça um sino:

Ave, Maria!

Placidamente...

Ave, Maria!

Meu coração, silente a meditar,
É como a tarde em doce sinfonia,
Pensando em ti, no teu olhar,
No teu sorriso
Que é um paraíso
De alegria...
Ave, Maria!

Meu coração cantante é um viveiro
De passarinhos, a saltitar
De alegria.
É como a tarde...
É qual um monge (alegre e triste),
Como este sino
No ar silente,
Placidamente
Nesta hora calma,
A badalar
Constantemente:
Ave, Maria!
Ave, Maria!

Caju estourado

Lucelindo Dias Ferreira Junior

Doutor e Mestre em Engenharia de Produção (Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (EESC/USP)). Bacharel em Engenharia de Produção Mecânica (Universidade Federal do Ceará (UFC)), é natural de Cacoal, nos recônditos de Rondônia, e radicado no Pará e no Ceará, Lucelindo Dias é contista e romancista desde muitos anos atrás. Começou a escrever literatura quando a mãe o ensinou, na infância, a gostar de ler os livros sobre patinhos e porquinhos. Naturalmente incompreendido e impreciso com as palavras, veio à tona através de publicações estaduais e prêmios literários. Possui muitos contos e romances engavetados, com alto teor alcoólico. Considera-se um escritor perdido, desconstruído. Escrever nunca foi sua paixão, mas um modo de atingir o lado mais interessante da vida: o íntimo. Para ele, escrever é como um vômito onde se expurga as tripas e a alma para tocarem o mundo. VI Prêmio Ideal Clube de Literatura, Menção Honrosa, em 2003; 2º lugar no Prêmio Unifor de Literatura, Universidade de Fortaleza (Unifor), em 2009; Prêmio literário para autor cearense de contos Moreira Campos, Secretaria de Cultura (SECULT) do Ceará, em 2010; 17º Prêmio Poeta de Gaveta, USP, em 2012; 18º Prêmio Poeta de Gaveta, USP, em 2013 e 20º Prêmio Poeta de Gaveta, USP, em 2014.

CAJU ESTOURADO

No liquidificador de sentimentos,
Jogo um caju ardente
Sangro um caju com sal
Bebo esse veneno
Mordo, faço drama
Sangue de caju nos meus olhos
Me perco, tateio com as mãos
Vomito sangue
Sangue de caju
Do caju estourado no peito.

Cerca Viva

Breno Gomes Fernandes

Pintor, poeta e cientista. Graduado em Ciências da Computação pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Especialista em Arquitetura de Sistemas para Internet pelo Centro Universitário 7 de setembro (UNI7). A proximidade com arte, enquanto colaborador do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (2005 - 2007), foi crucial para o aprimoramento da zelosa percepção interior que floresce na sua obra. É Técnico de Tecnologia da Informação na Coordenadoria de Infraestrutura e Segurança da Informação, da Superintendência de Tecnologia da Informação da Universidade Federal do Ceará (CISI - STI - UFC) desde 2017. O poema “Cerca viva” surgiu durante uma estadia do autor numa microssociedade, diante de plantas bonitas e uma contraditória angústia.

CERCA VIVA

Uma cerca viva pode nada cercar
se por forma for mera linha.
É o redor que a vem comportar.

Essa é viva, feita de coisa bonita.
Planta verde, florida... vermelha.
Com um ramo que destaca amarelo, ferida.

Mirei isto que cerca a vida. Gente de mãos dadas,
cabelos verdes, lúcidas, inteiras.
Pessoas de vida fluída.

Vida que segura planta que brota flor.
Vermelha.
Seu filho.

Filho que se cerca de vida.
Devido a vida,
outra filha.

Eis a cerca viva: uma pessoa, a folha, a flor, a filha, o filho e a ferida.

Contemplação

Maria do Carmo Alves Carvalho

Servidora da Universidade Federal do Ceará (UFC) há 12 anos, exercendo a função/cargo de Técnica em Tecnologia da Informação, atualmente lotada na Secretaria de Acessibilidade UFC Incluir. Sou formada em Processamento de Dados pela Unice (Tecnóloga - 2006.2). Sempre fui amante da Leitura e ainda adolescente, comecei a escrever Poemas como se fossem uma espécie de catarse, drenando assim os sentimentos. Sempre fui apaixonada por Psicologia e sonhava exercer a profissão em Consultório, como Terapeuta. Estudei Psicologia na Universidade de Fortaleza (Unifor) - 5 semestres - tendo que trancar o Curso para cuidar dos meus Pais - Mãe com Alzheimer e Pai com Parkinson e Esquizofrenia - interrompendo assim o sonho de ser Psicóloga. Continuo escrevendo até hoje, possuindo um acervo de muitos Poemas.

CONTEMPLAÇÃO

Chuva caia sobre mim e lave-me as mágoas
Eternizando-me na existência desse instante
Nas árvores, no vento e no vinho
Na estrada da vida, pelos descaminhos

Se isso não for possível
Caia sobre os meus olhos
E lave-os para sempre
Enfatizando seu brilho ausente

Mas se isso também não for possível
Cala-me diante de ti, para ao menos te sentir
E que ao som suave da tua voz
Possa eu acalmar o meu “a sós”

Que no escuro dessa noite
Eu possa navegar em ti
E levitando em cada gota
Penetre suave em mim

E se nem isso for possível
Então que eu fique muda
E dentro de ti e fora de mim
Nos perceba tão somente, (ab)surdas!

Despertar

Thiago de Aquino Távora Torres

Engenheiro Civil especialista em Estruturas, atua na Prefeitura do Campus de Russas da Universidade Federal do Ceará na gestão da manutenção e elaboração de projetos.

DESPERTAR

Ao despertar na madrugada fria
Meu coração encheu-se de repente
Com cada inútil súplica inocente
De todo ser humano que morria.

Eu me deixei levar na melodia
Das coisas que se esgotam lentamente
Sem ignorar que, inexoravelmente,
Também a minha hora chegaria!

Então eu me senti desiludido
Contemplei meu orgulho destruído
Pela insignificância de existir...

Lutei contra essa angústia sufocada
Mas vi que não podia fazer nada
E decididamente fui dormir...

Entretencimento

Carolina Morais Ribeiro da Silva

Professora de língua inglesa da Casa de Cultura Britânica (CCB), da Universidade Federal do Ceará (UFC), é graduada em Letras Português/Inglês, Mestra em Linguística e Doutora em Educação. Atualmente, realiza pós-doutorado em Letras e Linguística e pesquisa na área de Metodologias Ativas e Ensino de Línguas. Ama ler e tenta escrever de vez em quando.

ENTRETECIMENTO

A vida não é só breu
Há sangue nas veias
O coração ainda bate

O despertar é moroso
Há barreiras para se entrever o horizonte
Ainda sou por dentro um pequeno vazio

Que a vida venha a cada segundo
E que o tempo passe com ares de agora
Que o chão não se abra e que eu consiga flutuar

Os sonhos permanecem dentro das cabeças cansadas
Ideias que dançam com a noite
O mundo é um balé fora de mim

Femininos na janela

Tatiana Passos Zylberberg

Licenciada, Bacharel, Mestra e Doutora em Educação Física pela Universidade de Campinas (Unicamp). Atua no ensino superior há 22 anos sendo, desde 2011, docente da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordena a Companhia de Dança @ciadedancaiefes que conta com apoio da Pró-reitoria de Cultura da UFC (Procult-UFC). Como artista e curadora, criou a instalação @decorposnomundo. Transmutou a sua dor e fundou o projeto @mulheresenovelos, promovendo o acolhimento de pacientes com endometriose. Ambos projetos de extensão cadastrados e apoiados pela Pró-Reitoria de Extensão (PREX) da UFC. É autora do livro de literatura infantojuvenil @omeninoquedesenhavaoinvisivel. Membro da Academia Itajubense de Letras (AIL). Dedicar-se a promover outros jeitos de ver, aprender, pesquisar, incluir e criar.

FEMININOS NA JANELA

Preciso rasgar o que habita em mim,
sem que licença alguma eu tenha dado.

Soa estranho dizer assim,
como se não houvesse
portas ou tetos,
para me proteger dos atos.

Eles vieram com expressão de incêndio
e minhas veias congelaram os pés no chão.

Ainda era menina,
não adiantou eu implorar
juntos eram risada e asco,
eu fiquei ali, em profunda solidão.

Era uma rua sem saída
quando tocaram o meu corpo
pela primeira vez.

Encostaram nos meus poros.
Avançaram na minha plenitude.

Carreguei
cinzas
cacos e
espinhos.

Repeti muitos banhos
para destatuar cicatrizes
e cheirar liberdade na pele.

Perdi o ar.
Prendi o ar.
Calei num silêncio longo.
Recuperei o fôlego.
Abri a janela.

Há quem diga que consegui.
Há quem perceba que ainda dói.

Iara

Aimberê Botelho do Amaral

Servidor aposentado da Universidade Federal do Ceará (UFC) com formação em Ciências Contábeis, Administração de Empresas e Linguística Aplicada. Livros de poesia publicados: O Réptil no Armário e Do Alto dos Tamancos.

IARA

Ao fundo, cores ocres de um céu,
Desenho crepuscular de um esgalhamento,
Luz e sombra em finíssimos terminais,
Rigor de mãe natura passando-se de morta,
A vida mantida em espera, mas à porta,
Mais bela, mais viva, mulher que produzida,
Ostenta os panos com os quais será vestida,
Não há vencer quem, assim, se vê, um dia,
Em glória, mesmo que esteja assim despida,
Velada criação do artista que, em êxtase profundo,
Espalha borrões de finos traços pelo mundo,
Em nossa mente, pollockiano gestual de um espaço,
Na trama de ramas, a face absurda, vespertina,
Em micromontagem, atômica, sem medida,
Ali, macroscópica, retrato do poder,
Estrela em expansão, universo, eternidade,
O nada que, no gelo absoluto, esconde a divindade.

Punhal, o cabo de aço reflete a luz na sala,
Um quase bibelô inofensivo que, no oratório,
Projeta, no rosto apreensivo, na finíssima escultura,
Terrena convicção de incerteza do destino,

A cunha de partição nos arreios da figura,
A máquina do tempo a se quebrar, novo roteiro,
Por onde enveredo, em meio àquele espalhamento,
De múltiplas chegadas e saídas do barqueiro.

Vós, pontes de suspiros, para onde quereis me levar,
Será para a água dos rios, será para o fundo do mar,
Que som é este, ampliado do casco da canoa,
Soturno apito de navio que no vento soa?
Amores que não tive e que retornam agora,
Aqueles que me viram me quebrar em um gemido,
lara, a sucuri, também me chama, mas eu não posso ir,
Ela encantada em uma cobra, eu cumprindo ainda o existir,
Ela que só tem anéis mortais, pois não tem braços,
Porém, eu, desprovido de arquétipos, sobrando abraços,
De enormes mãos, cheias de abstrações e de afetos,
Somente por bens contábeis poderia ser correspondido,
E, assim, vaguei tangido pela ilusão do convertido,
Ao riso de mãe-da-lua agora, pois, dispensando diretórios,
lara queria ouvir a minha história, uma vida posta no divã,
Relato de coisas retorcidas, no porão junguiano de uma mente,
Cobrança, como queria seu íntimo sinuoso,
Ao mesmo tempo, sedutor e gracioso de serpente.

Lamentos

Cristiane Maria Sales Pimentel

Jornalista na Coordenadoria de Comunicação e Marketing (UFC Informa) da Universidade Federal do Ceará desde 2008. Graduada em Comunicação Social / Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (2006). Especialista em Jornalismo Científico, pela Universidade Federal do Ceará (2010). Mestra em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, pela Universidade Federal do Ceará (2017). Possui experiência nas áreas de Assessoria de Comunicação, Comunicação Pública, Jornalismo Científico e Pesquisa em Cultura Popular.

LAMENTOS

A minha solidão tem a tua face,
que tal miragem desvanece quando a fito.
E cada hoje sem te ter em mim renasce
a agonia de um querer sempre em conflito.

Em um gostar que inquieta e aprisiona,
detalhes meros dão ao peito a beleza.
Logo o vazio ganha espaço e tensiona
o futuro, uma segura incerteza.

Nesta luta de desditos sentimentos
são nulos os ganhos de quem sente.
Nas ideias só triunfam os lamentos
e na alma um cantar velho e dolente.

Pois te vivo desde a hora primeira,
do raiar ao ocaso, em todo o dia.
Mas não me vives e me resta companhia
a tristeza ao cair da noite fria.

Quase manifesto

Talita Nogueira Maia

Talita Nogueira é natural de Porto Velho - RO, mas de coração fincado no Ceará. É advogada, servidora técnico-administrativa da Universidade Federal do Ceará e escritora. Curiosa e distraída, amante dos acasos, às vezes peixe, às vezes pedra, sempre palavra. É autora do livro de poemas *Como Se Fosse Verdade* (2014) e coautora de algumas coletâneas por aí afora. Escreve pra que a corrente não caia e a bicicleta amarela siga caminho.

QUASE MANIFESTO

Pensei listar dores, como quem pede chão
o que dói da pele pra dentro e mastiga os ossos
o que mitiga o sorriso e afunda os olhos.
Pensei declamar meu nojo e espalhar meu vômito.
Pensei noticiar a sangue nos muros
tudo o que tenta calar a poesia,
feito papagaio de asas cortadas.
Pensei amordaçar a alma e engolir o choro.
Escancarar o avesso da morte
Pensei chorar e sentir na língua o sal que sai das guerras,
das bocas malditas, do ódio do homem.
Pensei não ser mais mulher, abdicar da condição de humana, virar bicho
Comer o cupim que me devora a cama
Dormir o sono dos que não sabem, sob a sombra de um carro verde,
que já não liga faz tempo.
Pensei não usar mais as letras maiúsculas pra começar qualquer coisa,
porque as coisas não têm começo.
as coisas são.
Pensei desabar
Desistir do verso e pôr fogo no manoel, fincar no barro.
Desengasgar a coragem que eu tomei no café e não desceu.
Pensei não pensar tanto assim.
a cabeça dói. uso os pontos pra respirar.

e começo outro delírio com um fio de esperança que a miopia quase
não deixa ver.
talvez pare de usar as vírgulas também.
tenho medo do que vem depois,

MENÇÕES HONROSAS

Bode loiô recursivo

Marllus de Melo Lustosa

Analista de Tecnologia da Informação (TI), graduado em Ciência da Computação, Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará (UFC), professor universitário, escritor e artista digital. Minhas técnicas artísticas compreendem arte generativa com o uso de Inteligência Artificial (IA), tendo sido selecionadas em diversas exposições de arte. Lancei o primeiro livro escrito de poemas em língua portuguesa escrito por um modelo de IA. Meus escritos compreendem contos, poemas e artigos diversos. <https://marllus.com>.

BODE IOIÔ RECURSIVO

Na ida e na volta
que vai e que fica
em uma cidade
vida

Mas a coragem
dispensa o temer
que vem sempre
de repente

A que mutila
os conservados
ao vento e ao tempo
nas praças ou praias

O moderno chegou
E o seu nome também?
A boca no ápice
mantém olhos fitos

Ora, é o bode!
De tanto passado
Quinturas e pestes
Lembranças hostis

Mas na birita se esconde
nos rabos de saia
poetas boêmios
alcnhas de bairros

Sua imagem de fato
se dará?
Em épocas rebeldes
de causas próprias

Continuará a passarinhar
nas ruas, nos bares
e os irmãos, nas areias
dos talos tortos?

Dos corpos dos seus
Só resta lutar
criando os outros
na ilusão do contrário

O seu nome será feito
E a imagem
só resta a pergunta
em épocas da dita
maldita modernidade

Cidade

Vânia Maria Queiroz Cavalcante

Vânia Cavalcante, artista plástica nas horas vagas, graduada em Administração de Empresas, participou da Antologia Crônicas de uma Fortaleza Obscena com a Crônica “Quizila” (Editora Territórios), que abordou o preconceito estrutural e teve participação também na Antologia 1001 Poetas, organizada pela Casa Brasileira de Livros, com o poema “O alheio”.

CIDADE

As ruas estão fétidas

O mau cheiro se espalha no ar... nos palácios, nos becos, nas esquinas frias...

Nas paredes se lê o ilegível, sob forma de protesto

Rabiscos indignados, resistindo pra não ceder à opressão

As ruas desenham a desigualdade, estampada em corpos envolvidos em solidão e desabrigo

Falta o café com pão no amanhecer sombrio, de quem já acorda expondo sua alma ao mundo

Não há janela pra abrir, não há porta pra fechar, tampouco pra guardar, por alguns segundos que seja, a face ainda adormecida...

Não!

Já amanhece tudo escancarado, da garganta à alma

A cidade grita em sua periferia, cada vez mais faminta, arrastada pelo luxo da burguesia

O desperdício jogado na cara do povo é a tradução da desigualdade e indiferença

Povo esse, pra quem a escola não lhe abriu as portas, impedindo que seu sonho saísse da prisão e mudasse o destino, que tanto teima em se repetir

A cidade grita...

Ipsso facto

Francisco Estêvão de Mesquita Lima

Francisco Estêvão de Mesquita Lima é servidor técnico-administrativo, bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Federal do Ceará (UFC), técnico em contabilidade, músico, instrumentista, arranjador, artista em suas múltiplas facetas, escritor, radialista comunitário, formador, tendo atuado também na área da educação no desenvolvimento de metodologias de ensino e tecnologias educacionais na rede estadual. Segue na vida se reinventando e à realidade ao seu redor, transmitindo a alegria e esperança por meio de sua arte e demais dons.

IPSO FACTO

Veja como eles seguem
Para a beirada caminham
E a nós ludibriam
Não importa que neguem

A uma corda nos ataram
Ao precipício arrastaram
Quem são esses? São humanos?
Talvez, mas com seus próprios planos

Anda, vem, ainda é tempo
Inflige à amarra tua cissura
Agora a ti meus braços empo
Liberto, em fim, dessa loucura

Lúgubre segue a marcha solene
Célere parto, a outros liberto?
Eis a sina de quem nega infrene
Gratidão ou obliúvio? Oásis ou deserto?

O silêncio do nosso grito

Elizio Ayres Cartaxo

Nascido em Santana do Cariri, especialização em História da Cultura, artista visual, músico, poeta, produtor cultural, autor do livro *A Noite de Frente pra Casa* (2019) e coautor do livro *Textos e Imagens do Cotidiano Rural* (1999).

O SILÊNCIO DO NOSSO GRITO

O nosso grito de silêncio
Bate forte na parede.
A tinta viva nos avisa
Do amanhecer
Aonde chega o sol ardente
Iluminando o olhar impaciente
De histórias repetidas,
Anônimas e tristes.
Precisamos escutar as vozes
Roucas do escuro,
Precisamos juntar as mãos
Coloridas da ciranda
E quebrar o silêncio
Do nosso grito do nosso grito.
O gás que molha o chão
Queima as ruas e vidas
Mostra homens e almas
No anoitecer.
A lua fria surge
Secando meus olhos
Sedentos de imagens
Da nova história.
Precisamos escutar as vozes
Roucas do escuro

Precisamos juntar as mãos
Coloridas da ciranda
E quebrar o silêncio
Do nosso grito do nosso grito:
Vai raiar o sol!

O sobrevivente

Roberta Medeiros de Queiroz

Roberta Medeiros de Queiroz nasceu em Fortaleza, em 18 de fevereiro de 1987, com raízes nos pés das Serras de Pacatuba e Maranguape. Aos nove anos sonhava aprender todas as palavras do dicionário e já apresentava um gosto especial pelas histórias e escrituras. Graduada em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialista em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Mestranda em Antropologia pela Universidad Nacional de Córdoba. Servidora técnico-administrativa da UFC. Escritora amadora, poeta de jardim, aprendiz de alquimista, devota de Pachamama e mãe da Cora.

O SOBREVIVENTE

Sentado na cumeeira,
o sobrevivente
chora a morte da delicadeza,
enquanto o torpe convoca a barbárie.
De todos os ângulos se pode escutar
a delicadeza dourando no asfalto,
estilhaçada em frente ao Palácio,
onde os homens cagam
mascarados.

O sobrevivente
vigia a poesia clandestina no quintal,
rasga as dores do tempo,
sente o incenso fresco do jasmim em flor,
abafando a podridão da morte no mundo.

Nessas terras de palmeiras,
o sobrevivente
assobia, alto,
imita as aves que aqui gorjeiam
e abafa o ruído do arrastar dos corpos,
junto à delicadeza
em marcha fúnebre.

De todos os ângulos se pode ver,
e o torpe não escorregou.

A fábrica de gritos está fechada,
os bares sem música.

Silêncio na Alvorada.

Poesia é vida!

Nesses últimos anos em que as formas de vivenciar o mundo têm sido alvo de reflexão, a leveza da arte de viver com qualidade e sabedoria são aspectos que tenho buscado olhar com mais atenção. Num movimento de integrar a arte com a vida, percebo a leveza da poesia como um bálsamo que aconchega as aflições tanto para quem se debruça na escrita dos versos quanto para quem aprecia uma boa leitura poética.

A sabedoria que trato aqui é aquela permeada pela sensibilidade presente na poesia e nas vivências que formam cada indivíduo em suas travessias pessoais. Os ambientes da escola e da universidade contribuem muito para essa sensibilidade, somando-se às leituras seja quais forem seus formatos, que ampliam a diversidade de olhares, sobretudo a poesia, que nos entrelaça e convida para um olhar crítico através de sua linguagem própria.

Neste terceiro volume da Coletânea Travessia, que dedica espaço à produção literária do gênero poesia, a composição de versos e a diversidade de olhares para temas sensíveis, tratados pelos autores e autoras, atravessa o leitor com um alumbramento sobre a beleza do cotidiano e seus aspectos bucólicos, presente na “tarde silente” do poema “Angelus”, escrito por Manuel Osório, ou no poema “Cerca viva” com seus versos traçados por Breno Gomes Fernandes.

Recheados de melodia e ritmo, os poemas desta Coletânea compõem uma fortaleza de mensagens, convidam a recuperar o fôlego e abrir a janela, como no poema “Femininos na janela”, tão sensivelmente escrito por Tatiana Zylberberg. O também tocante poema que encerra a seção de menções honrosas, “O Sobrevivente”, de autoria de Roberta Medeiros de Queiroz marca, de forma latente, a resiliência que transita entre o político e o poético.

E a composição dos versos segue contribuindo com a poesia do sentir habitual, do pensar-pulsar de cada dia, de cada vida. Poderia eu transitar por todos os poemas, de forma mais demorada, destacando a qualidade de suas estrofes e a força da iniciativa de cada servidor e servidora que participou deste projeto literário, mas sugiro que vocês, caros(as) leitores(as), se deleitem com cada poema e se inspirem porque Poesia é vida!

Lady Dayana Oliveira

Coordenadora de Difusão e Produção Cultural da Procult UFC

Brincar e ler

É suave o caminho em que a arte de ler avizinha-se da brincadeira. É isso que se traduz numa bela obra, à procura daquilo que a torne plena de identidades, preñhe de sonhos. Tornam-se realidades essas fantasias que embalam nossas mentes, que nos abrem as portas para um céu incrível, para uma “fábrica de sonhos”.

Os que adormecem entre os capítulos desta obra, não o fazem pelo cansaço ou pelo sono, mas pelas artimanhas, descobertas e encruzilhadas; adormecem para se entregar ao grande labirinto onírico que inevitavelmente nos manterá ocupados entre o veneno e o bálsamo, entre a dor e o gozo, entre o pélagos e o paraíso.

Os textos retratam vidas em andamento, vividas e sonhadas; retratam os sonhos em movimento. Essa dose de literatura da Coleção parece ser sustentada em seu terceiro volume pela arte imaginária de quem descobre mais que palavras escondidas na alma, de quem, em verdade, desvela os mistérios da própria alma em que se espelham os leitores. Encontraremos, aqui, o imaginário desses autores, o toque da fé, o peso do cotidiano, a bruteza da realidade. Mas, também, haverá a leveza da fantasia, a pureza da infância, o aconchego da família, o abraço da natureza. Enlaça-nos, nesta obra, o destino inexorável, a esperança dançante e viva. Assombra-nos aqui a dor

feminina espiada pela janela da vida como desejo de libertar-se! Ouvimos o grito da cidade, o lamento de seus filhos diante das agruras que inevitavelmente lhes apanham.

Todas essas pontas literárias retratam o peso e a leveza da vida, mesmo as incongruências e infelicidades trazem aos olhos uma poesia encantada e encantadora, sonhada e sonhadora. É uma brincadeira essa vida, uma festa; é uma leitura das mentes que se fecham como a tenebrosa noite, mas que também se abrem para o sonho como um dia de verão claro e esplendoroso.

Essa festa, essa brincadeira, reveste a alma de sonhos em que as palavras alimentam os desejos, reafirmam a crítica, alinham o contraditório. Tais são as palavras, elas nos fazem descer do patamar de ilusões para a fria realidade e, em seguida, nos lançam novamente da realidade para o voo do sonho, completamente nus.

Joaquim Melo de Albuquerque

Diretor da Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará

CAPA

A fotografia de capa “Meninos do Titanzinho” é de autoria do fotógrafo Daniel Schaumann, que é ex-aluno e servidor da Universidade Federal do Ceará (UFC) lotado na Secretaria de Cultura da UFC (Secult/UFC). A fotografia escolhida para a capa representa a grande travessia da vida humana, que deve ser vivenciada com alegria e de forma coletiva, trazendo também o aspecto da tenra infância, tempo em que se tem grandes aprendizados e em que se vive com muita intensidade.



Visite nosso site:
www.imprensa.ufc.br



Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - Benfica
CEP.: 60020-181 - Fortaleza - Ceará - Brasil
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
imprensa@proplad.ufc.br

Esta Coletânea Travessia – Poesias (Vol. III) é composta por dez textos selecionados e cinco menções honrosas resultantes do III Concurso Literário da Semana do Servidor – UFC 2022. Segue a mesma trilha das anteriores e as poesias bailam, vibram, rodeiam, rodopiam no tempo e no espaço saltantes com bem alinhadas letras que, no escopo do título, faz uma nova Travessia. Dessa cadeia de emoções que gera a leitura, fluem-nos sentidos faiscantes em ciranda, harmonizando-se com as fortes entonações dos poemas.

Edmar Ribeiro

Procurador Federal, Jornalista,

Professor Credenciado da Escola Superior da Magistratura (ESMEC),

Conselheiro-Titular do Tribunal de Ética e Disciplina da OAB-CE

